

CRÍTICA E MINORIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE “LITERATURA MENOR” E O TRABALHO DA CRÍTICA LITERÁRIA

Isadora Sinay*

 <https://orcid.org/0000-0003-3205-2051>

Como citar este artigo: SINAY, I. Crítica e minoria: considerações sobre o conceito de “literatura menor” e o trabalho da crítica literária. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-7, jan./abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETD016817>.

Submissão: 19 de fevereiro de 2024. **Aceite:** 7 de março de 2024.

Resumo: O presente artigo apresenta um breve histórico de casos em que intelectuais refletiram acerca do papel do escritor minoritário ante um cânone que o exclui ou oprime. Então, levanta questões a respeito do papel do crítico perante essas questões, mas também como ele mesmo membro de uma minoria que olha para esse cânone.

Palavras-chave: Crítica literária. Literatura menor. Crítica feminista. Philip Roth. Cânone.

■ **E**m 1993, Philip Roth publicou *Operação Shylock*, quarto livro em um ciclo de obras chamado de “autobiográfico” no qual o autor se coloca também como protagonista, mas explora diferentes relações entre o ficcional e a realidade. Apesar do subtítulo “uma confissão”, *Operação Shylock* é um romance de trama policialesca e um tanto absurda. Contudo, a confusão da fronteira entre o real e o inventado serve à temática do livro, uma exploração do papel da literatura na construção da identidade e na confecção da realidade.

* Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: isadora.sinay@gmail.com

Nesse romance, um escritor chamado Philip Roth – que coincide em todos os dados biográficos com o Philip Roth autor do livro – viaja a Israel para resolver o mistério do surgimento de um duplo seu. Nessa jornada, ele encontra diversas figuras, de uma versão do escritor Aharon Appelfeld a um membro dos Antisemitas Anônimos, passando por um agente do Mossad chamado Smilesburger e um livreiro de nome Supposnik, especialista em Shylock, o ganancioso agiota judeu de *O mercador de Veneza*.

Supposnik aborda Philip no saguão do hotel King David, em Jerusalém, para fazer um apelo ao escritor. Desde que Shylock entrou em cena, 400 anos atrás, ele afirma, o judeu tem vivido à sombra de sua imagem. Porque Shakespeare é um escritor extraordinário, a sua criação preconceituosa e prejudicial ganhou vida na mente de todos os leitores ocidentais, conjurando uma imagem do judeu anterior, e por vezes mais real, que o encontro com um judeu de verdade (Roth, 2017, p. 292). O que Supposnik quer de Philip é que, como escritor judeu, ele faça algo a respeito.

O que pode ser feito a respeito disso, contudo, não é tão claro para o protagonista. Ele compreende e concorda que os muitos personagens antissemitas presentes na literatura ocidental têm um efeito na realidade, na percepção que o mundo tem dos judeus e também na que os próprios judeus possuem deles mesmos. Shylock é mais do que palavras na página, uma vez que a literatura é um elemento fundamental da formação da cultura, porém essa cultura também o formou, Philip Roth.

A questão central desse romance, tão preocupado com duplos, é qual o papel do escritor judeu na produção de uma identidade judaica e, de forma mais ampla, qual o papel da literatura na produção da realidade. Ao escrever, sendo ele um escritor judeu, Roth participa de uma história judaica, alterando-a, mas também sendo alterado por ela. Como escritor de língua inglesa, ele escreve em uma tradição de Shakespeare e Fagins. Ou seja, ele produz identidade judaica dentro de um cânone do qual o judeu foi sistematicamente excluído. O que deve ser feito com tudo isso?

Esses questionamentos não surgiram na obra de Roth no início dos anos 1990. Ao longo dos anos 1960 e 1970, após ter sido violentamente atacado por instituições judaicas devido aos seus livros *Adeus, Columbus e outras histórias* e *O complexo de Portnoy* (Pierpont, 2015, p. 21), o autor escreveu uma série de ensaios pensando a identidade judaica na literatura e o papel e a responsabilidade do escritor judeu em relação a ela.

Em *Escrevendo sobre judeus*, escrito em 1963, alguns anos após o lançamento de *Adeus, Columbus* e de um desastroso evento na Yeshiva University em Nova York (Pierpont, 2015, p. 27), Roth se pergunta por que membros proeminentes da sociedade judaica tomam seus personagens como exemplos do homem judeu e por que imaginam que o leitor não judeu fará o mesmo. Raskolnikov, ele afirma, não é tomado como um exemplar do homem russo e sua tendência ao assassinato, tampouco Emma Bovary indica que todos os franceses são adúlteros. Por que, então, seus personagens seriam tomados como representantes de atitudes típicas dos judeus? (Roth, 2022, p. 78).

A reflexão foi suscitada por uma carta enviada por um rabino ao *New York Times* na qual este pedia que o Sr. Roth refletisse mais a respeito de sua obra e apresentasse um retrato mais “equilibrado” dos judeus (Roth, 2022, p. 76). No entanto, Roth considera que o que o rabino queria realmente dizer com “equili-

brado” era “positivo”, uma vez que uma representação verdadeiramente equilibrada dos judeus significaria o compromisso com o realismo estético que ele, Philip Roth, já possuía. Suas obras, ele afirma, se interessam pela investigação de humanos que por acaso vêm a ser judeus e, nesse sentido, fazem mais pela humanização dos judeus para o leitor do que um retrato artificialmente positivo poderia.

Essa crítica à ideia de que uma representação unicamente positiva dos judeus poderia servir como combate ao antissemitismo já havia aparecido em *Novos estereótipos judaicos*, ensaio de 1961 no qual Roth comenta a obra de Leon Uris e sua recente adaptação para o cinema. Uris, o escritor afirma, substitui um achatamento do judeu por outro, roubando a complexidade e as contradições de seus personagens judeus tanto quanto Shakespeare ou Dickens fizeram (Roth, 2022, p. 63). Se escritores judeus querem realmente combater estereótipos antissemitas, ele afirma, então é preciso representar judeus como eles são: seres humanos complexos, capazes de toda a gama de ações boas e más da qual a humanidade no geral é capaz (Roth, 2022, p. 70).

Uma conclusão parecida já havia sido alcançada por Leslie Fiedler, em 1949. Em um artigo para a revista *Commentary* intitulado “What can we do about Fagin? The Jew-Villain in Western Tradition”, o autor faz um histórico das muitas figuras antissemitas presentes em obras centrais da literatura de língua inglesa e se pergunta como pode um crítico literário judeu lidar com elas.

Abrir mão, ele afirma, não é uma opção, já que dificilmente um estudioso da literatura poderia abandonar Shakespeare, Ezra Pound ou T.S. Elliot. Estudar o cânone literário ocidental, o texto considera, é encontrar tanto autores quanto personagens antissemitas, e negar-se a isso significaria o abandono do exercício da crítica por parte dos judeus. Além disso, Fiedler considera: mesmo que o intelectual judeu fosse se ater aos “seus”, de que lado da fronteira entre “literatura universal” e “literatura judaica” ficariam autores como Kafka e Proust?

Não, ele conclui, a solução para o antissemitismo presente no cânone literário não é que os críticos judeus o abandonem, pelo contrário, mas que se engajem nele. Cabe ao intelectual judeu apontar e questionar essas imagens e também criar “novos mitos”, olhando para autores como Kafka, Proust e Freud a partir de uma lente que posicione a identidade judaica dos autores como relevante à sua obra. Ele declara:

Em todos os países do Ocidente, e principalmente nos Estados Unidos, passamos as últimas três ou quatro gerações indo da periferia para o centro da cultura; cada vez mais os mitos a respeito dos judeus serão construídos por judeus ou gentios cujas sensibilidades foram profundamente condicionadas pela nossa (Fiedler, 1949, tradução nossa).

Ou seja, Fiedler, como Roth, considera que os estereótipos prejudiciais presentes na literatura são tanto reflexo da realidade externa quanto a impactam. A literatura reflete a visão de mundo do autor, mas também forma a visão de mundo daqueles que vêm depois. Portanto, é preciso que o intelectual judeu encare essas figuras prejudiciais, envolva-se com elas e produza uma literatura e uma crítica que as combatam, uma vez que é impossível, e mesmo indesejável, extraí-las da história da humanidade.

A ideia do cânone literário como objeto de disputa para intelectuais minoritários também foi levantada por Edward Said em uma entrevista de 2001 a respeito do estado atual da crítica literária. Em resposta a uma pergunta a respeito do

ofício da escrita, Said considera que a linguagem, tanto no sentido da língua na qual um autor escreve como as imagens e ideias que tornam essa língua compreensível, é algo permeado pelas estruturas de poder em que aquele que a manipula se encontra. Escrever, literatura ou crítica, é trabalhar com ideias recebidas anteriormente e que muitas vezes foram cunhadas pelo colonizador ou opressor. O escritor, Said diz, pode se aproximar ou rejeitar um clichê, ele pode ceder ou resistir às ideias anteriores, que promovem uma espécie de ocupação linguística do escritor. O trabalho é semelhante a construir uma nova rota para se chegar ao mesmo lugar, desviar as ideias para um novo caminho, tanto na escrita de novas obras literárias quanto quando um crítico encontra as peças antigas do cânone (cf. Higgins, 2001, p. 156).

Esse engajamento em um cânone que o exclui é o material de boa parte da obra de Said, especialmente seu fundamental *Orientalismo*, no qual o autor observa e analisa as imagens do oriental produzidas pela cultura que o exclui. Assim como Roth e Fiedler, Said não abre mão das imagens prejudiciais de si mesmo produzidas pela Europa, mas as toma como material e, no ato de contestá-las em vez de excluir-se, produz uma nova corrente crítica que é diretamente resistente e oposta às imagens orientalistas.

Em seu livro *Kafka: por uma literatura menor*, Gilles Deleuze e Félix Guattari (2014) consideram essa colonização linguística mencionada por Said em sua conceitualização de uma “literatura menor”. Segundo os autores, quando Kafka, um autor judeu, escreve em alemão, ele está desterritorializado em sua própria língua, escrevendo nas palavras de uma maioria opressora, mesmo antes do Holocausto.

Por conta dessa desterritorialização linguística, mas também porque o autor da literatura menor está particularmente sujeito às estruturas de poder de sua sociedade, tudo nessa literatura, segundo os autores, é político. Nesse sentido, eles ao mesmo tempo contradizem em certa medida Philip Roth e explicam a leitura de sua obra que o autor considerou como errônea. Dizem os autores:

Nas “grandes literaturas”, ao contrário, o caso individual (familiar, conjugal, etc.) tende a juntar-se a outros casos não menos individuais, o meio social servindo de meio ambiente e de pano de fundo de maneira que nenhum desses casos edipianos é indispensável em particular, absolutamente necessário, mas que todos “fazem bloco” em espaço largo. A literatura menor é completamente diferente: seu espaço exíguo faz que cada caso individual seja imediatamente ligado à política (Deleuze; Guattari, 2014, p. 36).

Ou seja, segundo Deleuze e Guattari (2014), para o escritor minoritário tudo está subjugado ao político e ao coletivo. Porque uma pessoa de identidade minoritária é sempre determinada por seu pertencimento coletivo, o mesmo ocorre com a obra produzida por um autor minoritário ou seus personagens. De forma alguma, o ponto dos críticos se alinha ao do rabino que pede a Roth que exclua de suas obras representações negativas dos judeus, mas situa a criação e a recepção da literatura dentro das mesmas estruturas excludentes da sociedade em que ela se insere. Ou seja, assim como a pessoa minoritária é jamais apenas um “indivíduo” em seu meio, tampouco a literatura menor pode ser apenas “literatura”.

Considerando essas ponderações a respeito da relação entre literatura e identidade minoritária, é possível pensar que isso também se estende ao trabalho da

crítica. Tanto que o crítico considere as hierarquias políticas em que uma obra se insere quanto a consideração do lugar minoritário do crítico que encontra um cânone que o exclui.

Essa ideia informa o trabalho de algumas críticas feministas, que encontram personagens femininas escritas por homem e consideram, como Roth, o impacto dessas figuras na formação de uma identidade e na imagem que homens têm de mulheres e mulheres têm delas mesmas.

Uma dessas críticas é Jia Tolentino (2020) que, no ensaio “Heroínas puras”, de seu livro *Falso espelho*, faz um histórico de personagens femininas, da literatura clássica à contemporânea. Seu foco é a representação da mulher jovem e sua formação, e o impacto dessas representações nas mulheres reais que se formam com essa literatura. Ela diz:

Se você fosse uma menina e estivesse imaginando sua vida através da literatura, passaria da inocência na infância para a tristeza na adolescência, e então para a amargura na idade adulta. Nesse ponto, se ainda não tivesse se matado, você simplesmente desapareceria (Tolentino, 2020, p. 169).

Tolentino (2020) mapeia as ambições e possibilidades apresentadas às jovens leitoras por meio das trajetórias de personagens femininas populares. Elas quase sempre trabalham duro, recebem pouca recompensa e encontram no casamento “o fim de todo desejo individual” (Tolentino, 2020, p. 183). Há exceções, especialmente nos romances mais modernos, mas o que Tolentino busca em seu ensaio é entender como todas essas mulheres, escritas a partir de um sistema de valores que as subjuga, impactam aquelas que as encontram. Como, até que escritas rebeldes como as de Simone de Beauvoir ofereçam um outro paradigma, escritoras e leitoras são alimentadas por um sistema simbólico que serve de suporte simbólico para o papel social esperado das mulheres.

O fato de que mulheres são feitas para serem olhadas, não para olhar, é o conceito central do livro *A woman looking at men looking at women*, da romancista e crítica literária Siri Hustvedt (2017). Nessa coletânea de artigos, Hustvedt (2017) analisa artistas como Louise Bourgeois, Robert Mapplethorpe, Pedro Almodóvar e Wim Wenders explorando como cada um deles olha para figuras femininas. O título explicita desde o início que Hustvedt (2017) pretende analisar criticamente o ato de se olhar para mulheres, um projeto que já em sua concepção realiza a resistência às ideias colonizadoras mencionado por Said (cf. Higgins, 2001, p. 156), uma vez que o ato de olhar para mulheres é naturalizado ao ponto de se tornar quase sinônimo de arte.

Hustvedt (2017) ilustra essa ideia com uma análise da recepção da obra de Pablo Picasso. Ela menciona como a literatura a respeito do pintor quase sempre menciona as mulheres retratadas por ele pelo primeiro nome, como se “os historiadores da arte e biógrafos se apropriassem da intimidade do artista” (Hustvedt, 2017, p. 9, tradução nossa), enquanto o autor nunca é chamado de Pablo. Picasso, o gênio por excelência, representa essas mulheres como elas lhe pareciam e não ocorre àquele que olha a pintura, Hustvedt (2017) conclui, que elas possuíssem uma existência válida para além disso. As ideias, ela conclui, tornam-se parte de nossa percepção. A ideia de que mulheres são olhadas se infiltra no pensamento crítico de modo que este também procura constantemente uma mulher para olhar (Hustvedt, 2017, p. 11).

Vivian Gornick, um dos maiores expoentes da crítica literária feminista, ou seja, que toma a condição minoritária das mulheres – sejam autoras ou perso-

nagens – como ponto focal da análise, também movimenta a questão do olhar. Sua mais recente coletânea de crítica se chama *Taking a long look*, ou “olhando longamente” em tradução livre. Nessa obra, Gornick (2021, p. XI), como Hustvedt, explora o papel peculiar de uma crítica de arte mulher e considera a subversão existente nesse próprio ato, uma vez que o crítico é aquele que olha, mas a mulher, tradicionalmente, é aquela a ser olhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão do escritor minoritário é uma que perpassa a história de certas literaturas e também diversas obras centrais da crítica. Como pode um escritor trabalhar em uma língua que não é a sua ou lhe foi imposta em um ato de agressão como o inglês aos negros trazidos da África (Deleuze; Guattari, 2014, p. 25)? Como pode um escritor ser formado e inscrever-se em um cânone no qual abundam imagens derogatórias do grupo do qual ele faz parte?

Para além disso, é preciso considerar a literatura como fábrica do tecido cultural no qual as pessoas vivem e que ao mesmo tempo reproduz e alimenta ideias naturalizadas, podendo servir à manutenção ou subversão de preconceitos históricos. Diante desse cenário, críticos literários como Leslie Fiedler e Edward Said se ocuparam em investigar a história de estereótipos derogatórios no cânone da literatura ocidental e seu efeito na imagem dos representados, mas também nos intelectuais minoritários formados por essas ideias. Dentro do mesmo escopo, Deleuze e Guattari, ao apresentarem o conceito fundamental de “literatura menor”, localizam a arte nas estruturas de poder social e pensam o artista minoritário como recebido a partir de sua condição de excluído. Nesse sentido, a neutralidade, o universalismo e o individual são permitidos apenas aos escritores majoritários, literatura menor é sempre coletiva, política e específica.

Se a recepção da literatura menor é, nas palavras de Deleuze e Guattari (2014), sempre determinada pela condição de minoria do autor, é preciso, portanto, que o trabalho crítico considere essa condição. Além disso, o crítico possui ele mesmo uma condição majoritária ou minoritária e, como Roth ou Said ao lerem Shakespeare, encontra as obras do cânone como alguém cujo acesso a ele é de sujeito ou de objeto. Essa condição do crítico tem sido analisada por críticas literárias feministas, uma vez que o estereótipo principal da mulher na literatura, o de musa e/ou objeto a ser olhado, se encontra em contradição direta com o trabalho da crítica. Dessa maneira, é impossível à mulher que exerce o papel de crítica literária escrever uma crítica que não seja fundamentalmente política, uma vez que o simples ato de olhar, de analisar e de investigar subverte seu lugar na história da literatura e do cânone ocidental.

CRITICISM AND MINORITY: CONSIDERATIONS ON THE CONCEPT OF “MINOR LITERATURE” AND THE WORK OF LITERARY CRITICISM

Abstract: This article presents a brief history of intellectuals reflection upon the role of a minority writer within a canon that excludes or oppresses them. Then, it raises questions regarding the role of the critic facing this situation and also how the critic themselves, when member of a minority, can engage with such a canon.

Keywords: Literary criticism. Minor literature. Feminist critic. Philip Roth. Literary Canon.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- FIEDLER, L. A. What can we do about Fagin? The Jew-Villain in Western Tradition. *Commentary*, May 1949.
- GORNICK, V. *Taking a long look: essays on culture, literature, and feminism in our time*. London, New York: Verso, 2021.
- HIGGINS, J. “Criticism and democracy”: an Interview with Edward W. Said. *Pretexts: Literary and Cultural Studies*, v. 10, n. 2, p. 153-161, Nov. 2001.
- HUSTVEDT, S. *A woman looking at men looking at women: essays on art, sex, and the mind*. New York: Simon & Schuster, 2017.
- PIERPONT, C. R. *Roth libertado: o escritor e seus livros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ROTH, P. *Operação Shylock*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- ROTH, P. *Por que escrever? Conversas e ensaios sobre literatura 1960-2013*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- TOLENTINO, J. *Falso espelho*. São Paulo: Todavia, 2020.